

Agosto, mês do desgosto: a crise de 1954 nas fotografias de *Ultima Hora*

Silvana Louzada

Resumo

O artigo trata das inovações no uso da fotografia no jornal *Ultima Hora*, o primeiro diário brasileiro a publicar fotos coloridas e dar crédito para o fotógrafo, além de introduzir as sequências fotográficas. Era um jornal popular de qualidade, onde esportes, crimes e tragédias sensacionais e política formavam o tripé que garantiam seu sucesso, mas a utilização inédita da fotografia só se daria nas duas primeiras editoriais, enquanto na política a publicação era tradicional, geralmente apenas retratos. A partir da crise de 1954, que levou Vargas ao suicídio, *UH* amadureceu incorporando as transformações à política, e passando a publicar fotografias mais subjetivas, com uma linguagem mais moderna.

Palavras-chave: fotojornalismo, fotografia, *Ultima Hora*, suicídio de Getúlio Vargas.

Ultima Hora surgiu em 1951 com intuito de apoiar o recém eleito presidente Getúlio Vargas que, em seu segundo período de governo, contava com grande apoio popular e forte oposição das elites, representadas pela imprensa tradicional. O primeiro número chegou às bancas em 12 de junho de 1951. Na primeira página trazia a manchete: “Nova Tragédia – a qualquer momento – desmorona a Central” e uma fotomontagem de uma locomotiva e um trem apinhado de passageiros. À esquerda, ocupando toda a altura da página, a coluna do fundador do jornal, Samuel Wainer, era encabeçada por um retrato a bico-de-pena de Vargas ilustrando uma carta do presidente ao jornal. No texto, além de dar as boas vindas e desejar sucesso, Vargas declarava:

Quem quer que exerça uma parcela de atividade pública aprecia sempre a crítica da imprensa, quando esta se faz com lealdade e com propósito sincero de esclarecer, ou corrigir. O que nos fere é a desleal e mal intencionada deturpação dos fatos, é o premeditado silêncio quando algo existe que merece incitamento e louvor (*Ultima Hora* 12/6/1951, primeira página).

O endereço da crítica era claro: a imprensa brasileira em geral. Getúlio estava então em seu segundo governo, eleito com apoio das camadas populares, mas ignorado pela grande



imprensa, que buscava minar seu governo através de um cerco de silêncio. A solução encontrada para furar o bloqueio foi criar um periódico que o apoiasse, tarefa delegada a Wainer, jornalista famoso e experimentado, que fazia de seu jornal um veículo popular de qualidade, fato inédito no país.

Ultima Hora nasceu, portanto, como um jornal político que usaria de estratégias diversas para conquistar o público, como uma diagramação diferenciada, a exploração da charge e do folhetim, estratégias empresariais inovadoras e, principalmente uma utilização inédita da fotografia, especialmente nos esportes e crimes e tragédias sensacionais. A fotografia foi, desde o início, um dos carros-chefes do projeto de *UH*, tendo sido um dos principais ingredientes de seu sucesso¹. Inicialmente, entretanto, da mesma forma que nos demais jornais, a fotografia não teve um papel relevante na editoria de política.

Walter Benjamin (1994) afirma que se pode reconstruir a história da arte a partir de dois pólos: o culto da obra e seu valor de exposição. O valor do culto foi preponderante no início, quando a imagem estava a serviço da magia, tanto no período paleolítico, quanto nas igrejas e palácios, e perdeu terreno para o valor de exposição à medida em que avançavam as técnicas de reprodutibilidade, especialmente com a popularização da fotografia:

Com a fotografia o valor do culto começa a recuar, em todas as frentes, diante do valor de exposição. Mas o valor de culto não se entrega sem oferecer resistência. Sua última trincheira é o rosto humano. Não é por acaso que o retrato era o principal tema das primeiras fotografias (Benjamin, op. cit. p. 174).

Nos periódicos não é diferente. Nos jornais, os retratos personificam as notícias e são cultuados pelo público. Deuses e demônios têm suas faces reveladas para o culto sob a forma de imagens geralmente menos expressivas que o alce do período paleolítico na parede da caverna ou a figura crivada de São Sebastião. São retratos tradicionais, como os usados em documentos, acrescentando pouca ou nenhuma informação além da fisionomia do sujeito.

Peter Burke (2005) afirma que o retrato é um gênero pictórico composto de acordo com um sistema de convenções que mudam muito lentamente. As poses e gestos dos modelos

¹No segundo ano do jornal, entre maio e julho, a tiragem divulgada oscilava entre 120 e 130 mil exemplares.

e os acessórios ou objetos representados junto a eles seguem um esquema e geralmente estão carregados de significado simbólico. Entretanto, os retratos publicados nos jornais no limiar da década de 1950 parecem despidos de qualquer simbolismo, uma vez que não agregam informação nova além da fisionomia do modelo.

Assim também era na editoria de política de *Ultima Hora*. Apesar da função inovadora da fotografia no jornal, onde crimes de sensação eram explorados fotograficamente à exaustão e a cobertura de esportes ganhava diversas páginas, inclusive com as inéditas sequências fotográficas², na política a fotografia era utilizada de forma bastante tradicional, com retratos fotográficos ou mesmo desenhos em bico-de-pena. Entretanto, num momento de crise política como em agosto de 1954, a experiência com a linguagem fotojornalística que o jornal acumulara em outros assuntos seria utilizada e amplamente explorada nessa editoria, como veremos.

O mês do desgosto

Na tradição ocidental, o mês de agosto é associado a tragédias e catástrofes. Um dos episódios mais macabros da história ocorreu na noite de 24 de agosto de 1572, o Massacre da Noite de São Bartolomeu, quando a rainha de França, Catarina de Médici, católica, ordenou o assassinato de líderes protestantes que tinham ido a Paris para um casamento real que selaria a paz entre huguenotes e católicos. O massacre se estendeu por vários meses e estima-se que entre setenta e cem mil protestantes franceses tenham sido assassinados. O Brasil, exatos 382 anos depois, viveria uma das madrugadas mais dramáticas da sua história. Aqui, como na França do século XVI, a noite decisiva foi antecedida por conspirações e perfídia.

Na madrugada de 5 de agosto de 1954, a dois meses das eleições legislativas federais e estaduais, o jornalista Carlos Lacerda, feroz opositor de Vargas, sofreu um atentado próximo a sua casa e seu segurança, o major Rubens Vaz, morreu baleado. O Crime da Rua Tonelero, como o episódio ficou conhecido, detonou uma crise sem precedentes na República, cujo palco preferencial foram os jornais. As investigações policiais apontavam para dentro do Palácio do Catete, para pessoas próximas do presidente.

² Cf. LOUZADA, 2009.

Lacerda potencializou o melhor possível o acontecimento e, com exceção da *Ultima Hora*, foi seguido por toda a imprensa que, juntamente com os militares, apostavam na radicalização. Mas *UH*, que obviamente não entrou no clima de caça às bruxas que se instalou, também não assumiu uma postura omissa, publicando inclusive, na primeira página, uma fotografia de Lacerda deitado em seu sofá, prestando depoimento à polícia.

Em 8 de agosto a polícia chegou ao suposto autor dos disparos, Climério de Almeida, agente da guarda pessoal do presidente. Em seguida, um retrato de Climério foi liberado para a imprensa que o publicou seguidamente, até a sua captura. *Ultima Hora* não teria outra alternativa a não ser também estampar a foto do “bárbaro matador do Major Vaz (que) tem o rosto cheio de bexigas, marcas de varíola” (*UH*, 9 de agosto de 1954 – primeira página).

Uma cobertura policial

Samuel Wainer (1984, pág. 200) explica que mesmo tendo plena ciência dos componentes políticos do atentado, procurou dar um enfoque policial à cobertura, o que certamente facilitou a posição do jornal. No dia seguinte, *UH* destacou uma equipe para o sítio onde Climério teria ficado escondido em Belford Roxo, na Baixada Fluminense.

Na primeira página desse dia foram publicadas fotos do sitiante com seus filhos conversando com o repórter e até da cama onde “Climério passou calmamente a noite de sexta-feira para sábado”. As imagens foram cuidadosamente organizadas, as crianças arrumadas, cabelo penteado, uma de cada lado da cama. Na entrada do sítio, o homem e os filhos encaram a câmera enquanto o repórter toma notas, uma foto posada comum nos crimes cobertos pelo jornal que geralmente fotografava o repórter junto aos implicados na matéria.

A organização das imagens procurava criar uma narrativa para o leitor, apesar de, no caso, não haver notícias factuais, pelo menos enquanto os suspeitos não fossem presos. Segundo Paul Ricoeur (1994, passim) é a peripécia, ou seja, a preparação da intriga e do episódio, que faz a história avançar, que provoca os desvios que a levam para este ou aquele sentido. Para ele uma ação só pode ser narrada se articulada em signos, o que pressupõe regras ou normas para que seja mediatizada simbolicamente. Nesse sentido, o simbolismo não



é um a operação psicológica ou espiritual, mas uma significação incorporada à ação, decifrável na ação por outros atores. É o simbolismo que confere legibilidade à ação.

A preparação dessa intriga, a peripécia, foi cuidadosamente encaminhada como uma matéria policial e o atentado político narrado como se fosse um crime comum, o foco desviado do Palácio do Catete para a distante Baixada Fluminense, palco preferencial da maior parte dos crimes noticiados diariamente pelo jornal. O sítio onde Climério teria dormido aparecia retratado como se fosse a própria cena do crime, que na verdade ocorrera bem longe dali, em Copacabana. Para reforçar a narrativa policialesca, ao lado de imagens do sítio estava novamente o retrato de Climério, no melhor estilo “procura-se”. A publicação reiterada dessa foto também servia para fixar na mente do leitor um rosto que se distanciava dos personagens palacianos e do turbilhão político que o país atravessava.



Ultima Hora, 7/8/1954 e 10/8/ 1954 – primeiras páginas

Wainer (op. cit. p. 201) relembra que durante todo o tempo procurou eximir o presidente de culpa, sustentando que, “ainda que houvesse gente do Catete envolvida no episódio, Getúlio nada sabia”. Assim, o retrato de Vargas também estava na página, destacado da cobertura do crime, no topo, como na primeira edição, anunciando uma série de medidas tomadas para conter a crise.



A ditadura da desordem

A edição seguinte noticiava a missa de sétimo dia do major, que acontecera pela manhã, mas a manchete principal anunciava a “tabela oficial para o aumento dos servidores”. A cobertura fotográfica foi moderada com apenas três fotos: de militares, dos parentes e da multidão. Todas as imagens tinham o mesmo tamanho, eram fotografias quase burocráticas e não havia ênfase em nenhuma delas. A fotografia com maior potencial de impacto, das pessoas em torno da Igreja da Candelária, no centro do Rio, mostrava uma multidão uniforme, sem nenhum elemento que chamasse a atenção, nenhuma faixa, nenhum rosto.

E, separada da cobertura da missa, a perseguição folhetinesca ao assassino e seu cúmplice continuava com a fotografia da mãe do “perigoso facínora”, além de uma foto do suposto cúmplice com parentes. Os retratos reproduzidos dos álbuns de família, comuns nas matérias de crimes sensacionais desde o início do século, eram mais um artifício que *UH* utilizava para não tratar o crime como político, mostrando ao leitor aspectos que apontavam para outro pertencimento do criminoso, desviado das intrigas palacianas e conduzido para o seio da família. Porém, a foto de uma reunião que lotara o Clube da Aeronáutica lembrava que a situação era tensa.

Mas essa edição nem de longe retratava o que aconteceu naquela tarde. O vespertino publicou apenas o que chegou à redação antes do fechamento do jornal. Numa cobertura de grandes proporções como essa, os fotógrafos em geral enviavam seus filmes para que fossem revelados, copiados e publicados. A cobertura, portanto, não acabara no fechamento da edição daquela tarde. A edição que noticiaria os acontecimentos relacionados com a missa de sétimo dia do militar saiu no dia 12 de agosto e mostrava que a tranquilidade da Candelária foi seguida por virulentas manifestações pelas ruas do Centro do Rio.

O jornal publicou cinco fotos dos tumultos ladeados por cinco retratos de militares, ministros e altas patentes, apontados como os “fiadores da ordem e da constituição”, que anunciam a “Reação contra a ditadura da desordem”. As fotografias dos militares governistas, à esquerda das dos tumultos, serviriam como um contraponto às manifestações populares, todas contrárias ao governo.



As fotografias dos manifestantes ateando fogo em objetos em plena rua e da polícia contendo populares poderiam ser de qualquer protesto popular, talvez um pouco mais violento que o normal. *Ultima Hora* costumava cobrir manifestações, sempre se colocando do lado dos populares, denunciando todo tipo de abuso e fazendo jus ao lema que estampava, desde o primeiro número, ao lado do logotipo: “Um jornal vibrante. Uma arma do povo”. Mas dessa vez o jornal não assumiu a defesa dos populares, pelo contrário, procurou identificá-los como um “grupo de agitadores” que causou “estarcimento” no povo carioca ao provocar “arruaças”. Para o jornal esses manifestantes eram criminosos, e as fotos tratavam de identificar seus rostos enquanto queimavam objetos na rua e eram contidos pela polícia, mostrada de costas, braços dados, isolando os “arruaceiros”. Para *Ultima Hora*, nesse episódio, a brutalidade das ruas não vinha de policiais e os manifestantes não eram vítimas, mas vilões.

UH numerou as “fotos que mostram as agitações em frente ao Teatro Municipal (nºs 1 e 3), elementos da Polícia Militar em ação (nº 2) e, finalmente, o automóvel que levava os provocadores a serviço do M.N.P. (nºs 4 e 5)”. Estas duas últimas ganharam status de prova e destacavam um táxi com auto-falante, “carregando dísticos de um organismo semi-clandestino”, que haveria incitado a desordem e um panfleto assinado por esta organização.

O objetivo das imagens era identificar os promotores da manifestação, expondo seus rostos nas fotografias enquanto o texto denunciava que “dentro e ao lado do táxi, viam-se algumas conhecidas figuras de agitadores profissionais; além de alguns candidatos a vereadores de partidos e agrupamentos de oposição”.

A foto de um carro com um panfleto colado mostrava os mesmos personagens que cercavam o táxi na foto anterior. Seus nomes não foram mencionados, mas o leitor de *UH* possivelmente os conhecia e identificava. Não há indícios de animosidade contra os fotógrafos do jornal e os “agitadores profissionais” não se importaram em serem fotografados, antes posaram para as fotos. Talvez não identificassem os fotógrafos de *Ultima Hora*, certamente não sabiam que edição lhes seria dada. Mas a fotografia foi usada como prova, testemunho e denúncia, e assim seria enquanto a crise se agravava.





Ultima Hora, 11 de agosto de 1954 e 12 de agosto de 1954 – primeiras páginas

Prova de leviandade criminosa

No dia 14, no centro da primeira página, o jornal estampava uma foto de Vargas que, cercado por homens engravatados, assinava alguns papéis. A fotografia havia sido publicada pelo *Diário Carioca* e outros jornais de oposição como prova da relação do presidente com Climério, o suposto assassino do major, ainda caçado pela polícia. Diz o texto:

Falando em Belo Horizonte, Getúlio Vargas referiu-se em termos enérgicos aos “agentes da mentira”, aos que usam todas as armas da calúnia e da infâmia, aos falseadores da verdade. **Eis aqui uma prova de como eles agem.** O *Diário Carioca* e outros jornais mais ligados à campanha que ora se move menos contra a pessoa do chefe da Nação do que contra o próprio país publicaram em sua edição do dia 10 do corrente mês, em grande destaque na primeira página a fotografia que reproduzimos acima na qual aparece o sr. Getúlio Vargas cercado de várias pessoas que lhe pedem autógrafa, entre as quais está, diz o *Diário Carioca*, a do medalhão, Climério Eurípedes de Almeida. Esta mesma foto, acompanhada pelo mesmo tipo de legenda foi distribuída em todo país pela Agência Meridional dos “Diários Associados”³. (grifo nosso).

No centro da fotografia está o homem do “medalhão”, ou seja, marcado por um círculo para que se destacasse dos demais. A foto foi publicada originalmente pela imprensa

³ Os Diários Associados eram um conglomerado que chegaria a ter 40 jornais e revistas, 36 estações de rádio, 16 emissoras de TV, uma agência de notícias e uma empresa de propaganda pertencentes a Assis Chateaubriand, àquela altura um feroz e poderoso opositor de Vargas.

“inimiga”, ou seja, por toda a imprensa carioca à exceção de *UH*, como prova material, uma demonstração inequívoca do envolvimento de Climério com o Palácio do Catete. Seria talvez uma prova débil, uma vez que o presidente, como homem público, estava em contato com todo o tipo de gente, ainda mais naquele momento em que a segurança das autoridades não era ainda uma obsessão. Por outro lado, com o recrudescimento da crise e a radicalização de parte a parte, qualquer prova, por menos contundente que fosse, deveria ser aproveitada.

Mas *Ultima Hora* não deixaria a situação passar e contra ataca. De prova contra o presidente, a imagem, distribuída pela agência de Assis Chateaubriand, passaria a testemunhar contra a isenção e probidade dos periódicos que a publicaram. Continua a legenda:

Pois bem. **A verdade é simplesmente a seguinte:** o homem do medalhão não é o policial acusado como um dos responsáveis pelo crime da rua Toneleros, mas o deputado Rodrigo Magalhães dos Santos, do PTB gaúcho, numa das suas visitas há alguns anos (ilegível). O Sr. Rodrigo Magalhães dos Santos, suplente de Deputado Federal, é advogado e figura bastante conhecida no sul. No seu afã de acusar, cegos pelo ódio, os “agentes da mentira” apontaram o Sr. Rodrigo Magalhães dos Santos como sendo o investigador Climério. **Aqui está a prova de mais essa leviandade criminosa** (*Ultima Hora*, Primeira Página, 14 de agosto de 1954 – grifos nossos).



UH, 14 de agosto de 1954 e edição matutina de 23 de agosto de 1954 – primeiras páginas

A fotografia, que havia sido usada como prova contundente do envolvimento do Presidente da República no episódio, servia agora para desmascarar seus inimigos. Embora os



demais jornais não tivessem o mesmo domínio na utilização da fotografia que tinha *Ultima Hora*, nenhuma dos lados a utilizava de maneira inocente. Para todos os envolvidos na crise a fotografia era prova e contraprova. Era a testemunha invocada nos litígios, evidenciava circunstâncias encobertas, revelava o oculto, desvendava a verdade.

A crise chega ao Catete

Mas, mesmo que publicasse infinitas imagens, *UH* não conseguiria fazer face à pressão exercida por toda a imprensa do país. A crise se agravava e nesse mesmo dia, 14 de agosto de 1954, a Assembléia no Clube Militar exigiu a renúncia de Getúlio. No dia 17, Gregório Fortunato, chefe da Guarda Pessoal do presidente, foi acusado de ser o mandante do crime e levado para a Base Aérea do Galeão. *Ultima Hora* publicou quatro grandes fotos⁴ e dois bonecos na primeira página com a manchete: “Climério rendeu-se: seria metralhado se resistisse ao cerco”. No mesmo dia, Gustavo Capanema, deputado federal pelo PSD e líder da maioria parlamentar do governo, discursou na Câmara dos Deputados em defesa de Vargas. Mais duas edições extras acompanharam o emocionante dia.

Dia 19, o Clube da Lanterna, fundado por Carlos Lacerda, pediu a renúncia de Vargas. A capa de *UH* tinha cerca de 80% ocupada por quatro grandes fotos mais a manchete: “Primeiras fotos dos pistoleiros prêsos” e um segundo clichê também com oito fotos. A crise se agravava e a cidade respirava conspiração.

A edição matutina das segundas-feiras de *UH* era tradicionalmente dedicada às reportagens esportivas e policiais, mas na primeira edição da segunda-feira, 23 de agosto, não havia esportes, nenhuma sequência do gol e nenhum crime, mas uma grande foto de Getúlio e a manchete: “Só morto sairei do Catete!”. Era a resposta à proposta de renúncia encaminhada pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, cuja foto aparecia abaixo da de Getúlio. Em frente, a fotografia do Ministro da Guerra, Zenóbio da Costa que, segundo o jornal, estaria mobilizado na defesa do governo. Na foto o general ajustava o quepe, a expressão era preocupada, demonstrando a gravidade do momento.

⁴A qualidade do microfilme de Biblioteca Nacional não permitiu a reprodução da maior parte das páginas de agosto de 1954.

Essa edição foi, segundo Wainer, praticamente uma encomenda de Getúlio. Os dois não se encontravam mais, um afastamento estratégico em consequência do cerco que sofria *Ultima Hora*⁵. Mas o jornal continuava apoiando o presidente, que mais uma vez recorreu a suas páginas no momento da agudização da crise. Wainer relembra:

Na noite de 22 de agosto, recebi em minha casa a visita de Maneco Vargas, com um recado do pai. [...] Getúlio queria saber se eu estava disposto a lançar o jornal à frente de uma contra-ofensiva destinada a conter o golpe em marcha. Disse a Maneco que resolvera ficar com o presidente até o fim, até porque não me restava qualquer outra saída. Maneco então contou-me que naquela manhã, durante uma reunião no ministério, Getúlio fizera uma declaração patética: “Só morto sairei do Catete”. O presidente queria saber se eu topava publicar a frase em manchete na edição do dia 23. Seria a senha para a resistência a ser desencadeada no dia 24. (WAINER, op. cit. p. 202).

Wainer concordou, embora ponderasse que a frase era muito forte. O filho de Getúlio assegurou que o objetivo era justamente forçar o confronto. O jornalista continua a narrar a sequência dos acontecimentos: “Fui para o jornal, mandei buscar no arquivo uma velha foto de Getúlio com as mãos sujas de petróleo – uma foto célebre – e redigi a manchete que explodiria nas bancas no dia seguinte: Getúlio ao povo: só morto sairei do Catete”.

Mais que uma fotografia célebre, é uma imagem memorável. E numa fotografia, como em qualquer ato narrativo, existem várias vozes memoráveis. A que se buscava nessa primeira página era a das campanhas nacionalistas, da criação da Petrobrás, do homem que defende os interesses do povo e do país acima de qualquer coisa. A frase de efeito, combinada com a foto memorável, gerava o caldo que o governo desejava, incitando a “massa popular” ao confronto.

Wainer se referia a uma foto memorável, mas talvez tenha publicado outra. A fotografia mais célebre de Getúlio com as mãos sujas de petróleo foi feita por Renato Pinheiro, em 1952, na visita presidencial a um poço de petróleo no município de Candeias, na Bahia, e é diferente da publicada por *UH*. Renato era o fotógrafo oficial de Vargas e a foto,

⁵ Lacerda e Chateaubriand moviam uma intensa campanha contra Wainer e a *Ultima Hora*, acusando-o de ter criado o jornal com dinheiro do Banco do Brasil e de não ser brasileiro, o que o impossibilitaria de ser dono de um órgão de imprensa. Wainer chegara a ser preso no ano anterior, a partir de denúncias feitas numa CPI cuja instalação ele mesmo sugeriu.

realizada um ano antes da criação da Petrobrás, foi amplamente utilizada na campanha para criação da companhia estatal de petróleo⁶.

Entretanto, se a foto publicada foi também célebre ou se o jornalista apenas se confundiu devido ao ritmo frenético dos acontecimentos, pouco importa, como também não importou naquele momento. Segundo Wainer: “A edição esgotou-se em poucos minutos. Rodamos outra, que também não demorou a esgotar-se, rodamos mais uma, e assim seria ao longo de todo aquele dramático 23 de agosto” (op. cit.).

Matou-se Vargas

Embora numa dessas edições a manchete garantisse que “O Brasil escapa da guerra civil”, o vice-presidente Café Filho rompeu com Vargas em discurso no Senado e começou a circular o Manifesto dos Generais exigindo o afastamento de Getúlio. No final da noite, o Ministro da Guerra aceitou a proposta de pedir a renúncia do Presidente.

A conhecida cronologia continuava acelerada: nos primeiros minutos da madrugada da terça-feira, 24 de agosto, os militares exigiram a renúncia de Vargas, que contra-atacou convocando uma reunião do ministério no Palácio do Catete. Faltando quinze minutos para as cinco da manhã, foi expedido um comunicado anunciando que o presidente se licenciaria. Nas primeiras horas da manhã, Vargas recebeu o ultimato dos militares, com apoio de seu ministro da Guerra, para que renunciasse e, às oito e meia da manhã, se suicidou com um tiro no coração. Estava morto o pai dos pobres e o idealizador de *Ultima Hora*. Os acontecimentos seguiram em ritmo desvairado, retratados nas nove edições extras que se esgotavam imediatamente⁷.

A capa do primeiro Extra repetia a do dia anterior, sem as fotografias dos militares. No topo da página o texto lembrava: “‘Ultima Hora’ havia adiantado, ontem, o trágico propósito” e em letras grandes “Matou-se Vargas”. A republicação da capa do dia anterior foi intencional, segundo Wainer:

⁶Portal da Cidadania: http://www.radiobras.gov.br/materia_i_2004.php?materia=262778&editoria=&q=1

⁷Ainda devido ao mau estado dos microfimes da Biblioteca Nacional não foi possível reproduzir todos os Extras nem estabelecer a ordem precisa de publicação. As capas aqui reproduzidas foram obtidas em locais variados.

Na oficina, encontrei operários chorando, outros desmaiados. Lembrei-me, então, de que a página com a manchete publicada na véspera – **SÓ MORTO SAIREI DO CATETE** – continuava composta em chumbo. Naquela época, tínhamos o hábito de guardar algumas páginas numa estante, para a eventualidade de republicar certos textos, anúncios principalmente. Nos dias seguintes íamos utilizando os tipos de chumbo ali armazenados e a página era desfeita aos poucos. Aquela histórica primeira página, contudo, permanecia intacta, e tive a idéia de republicá-la exatamente como saíra na véspera, mudando apenas alguns detalhes. Numa linha no alto da página, escrevi: “Ele cumpriu a promessa”. (op. cit. p. 205).



Foto de Renato Pinheiro – Bahia 1952 e *UH*, 24/8/1954 – Edição Extra, primeira página

É possível imaginar que fotógrafos, laboratoristas e todos os profissionais do jornal não tivessem parado um instante sequer naquele dia. A página três dessa primeira edição foi toda ocupada por oito fotos, o “documento fotográfico dos acontecimentos desta madrugada”. Uma outra edição extra proclamava: “Povo chora nas ruas” e na página 2 trazia fotos enviadas das sucursais demonstrando que “de norte a sul o Brasil chora a morte de Vargas”. Eram oito páginas de fotografias de “Getúlio chefe de família”, “Getúlio amigo do povo” e a última “no limiar da eternidade”.

As sucessivas edições de *UH* se esgotavam antes mesmo de chegar às bancas, enquanto os outros jornais eram atacados pela turbamulta. *A Tribuna da Imprensa*, *O Globo* e a *Rádio Globo* foram depredados e dois caminhões de entrega de *O Globo* foram incendiados, como relembra Wainer:



Naquele 24 de agosto, multidões exasperadas atacaram praticamente todos os grandes jornais, bloqueando sua saída às ruas. O único a circular foi *Ultima Hora*, que vendeu quase 800.000 exemplares. A oficina não parou de trabalhar, foram vinte horas rodando edições sucessivas. O povo nem sequer esperava que os exemplares chegassem às bancas – arrancava-os dos caminhões distribuidores, ávido por notícias sobre a tragédia (op. cit, p. 205).

Ultima Hora não havia apenas sido poupada. Além de vender centenas de milhares de cópias, a sede do jornal foi apropriada pela multidão no seu desconsolo, retomando um velho costume de se postar na frente dos jornais em situações importantes. Wainer descreve a ocasião:

Nesse momento, comecei a ouvir um rugido, feito de milhares de vozes, que vinha das bandas da Candelária. Olhei pela janela e vi uma multidão de manifestantes descalços, subnutridos, feios. Gritavam “Getúlio!”, e reconheci o mesmo urro medonho, assustador, com o qual me familiarizara durante a campanha eleitoral de 1950. A massa estacou diante do prédio de *Ultima Hora* e exigiu que eu falasse [...] (op. cit, p. 206).

A edição de quarta-feira, 25 de agosto de 1954, saiu repleta de fotografias, expressando sentimentos que as palavras não davam conta, com mais e maiores imagens, rompendo definitivamente o padrão tradicional da editoria política de *Ultima Hora* de publicar fotos pequenas. O jornal trazia uma, no máximo duas fotos grandes na primeira página, buscando no tamanho das imagens enfatizar os sentimentos. O corpo de Vargas foi exposto em caixão aberto no “Último encontro do povo com o grande presidente morto”. O tom de toda a edição era de comoção, todas as páginas com muitas fotografias, uma média de seis por página, e manchetes contundentes. Na página 12, fugindo completamente aos padrões de *UH*, há uma única fotografia de página inteira do velório. Nesse mesmo dia, uma nova edição extra trazia duas fotos ocupando toda a página mostrando a multidão e o avião que levaria o corpo de Vargas para ser enterrado em São Borja.

No dia 26 de agosto, *UH* publicou a foto da máscara mortuária de Getúlio. É a prévia do que viria no dia seguinte: o enterro do Presidente em São Borja, no Rio Grande do Sul. O país inteiro esperando o desfecho da crise, aguardando as imagens do epílogo da tragédia.



A luta continua

A primeira página da edição do dia 27 de agosto não mostrava os distúrbios, sequer a multidão que acompanhou o enterro em São Borja, apenas duas fotografias com o caixão em primeiro plano, pranteado pessoalmente pelas pessoas mais próximas do presidente e, através das fotografias, pelo público que não pôde estar em São Borja.

O ponto de vista do fotógrafo, de frente para o caixão, na extremidade oposta à família e às personalidades, colocava o leitor à beira do corpo, próximo, presente. Vargas ainda estava lá, seu corpo no caixão fechado continuava a ser o centro da notícia. Getúlio ainda não baixara ao chão e o leitor tinha as últimas visões de seu ataúde, participava das exéquias, acompanhava o percurso do féretro, do Rio de Janeiro a São Borja, pelas páginas de *Ultima Hora*.

Paul Ricoeur afirma que as emoções trágicas brotam no espectador, já que “o prazer próprio da tragédia é o prazer que o terror e a piedade engendram” (1994, p. 82). Terror e piedade são inscritos nos fatos pela composição, na medida em que ela passa pelo crivo da atividade representativa e a ação é apenas o início da história, provocando nessa uma mudança de destino, uma “peripécia” surpreendente, uma sucessão de incidentes aterradores. O final e o sentido da história só acontecem quando o curso da ação é concluído e o sentido é dado, produzindo no leitor a *kátharsis*⁸.

O pranteado presidente era, através das fotos de *Ultima Hora*, enterrado à vista de toda a nação, numa composição fotográfica que apontava para o ministro da Fazenda e amigo, Oswaldo Aranha, que proferiu um discurso antológico, que chamava à resistência e à preservação do legado de Vargas. Era através das imagens de *Ultima Hora* que a *kátharsis* coletiva fechava aqueles vinte e um dias insanos, que começaram em perseguição folhetinesca e terminaram em tragédia, e agora tinha seu epílogo no frio sul do país.

⁸ O termo grego *kátharsis* significa purificação. Para Aristóteles, de quem Ricoeur tomou o termo, representa uma depuração das emoções do espectador através da narrativa que possibilita a transformação do sofrimento narrado em prazer.





Ultima Hora, 27 de agosto de 1954 e 11 de novembro 1955 – primeiras páginas

Considerações finais

Após a cobertura do suicídio de Vargas a fotografia assumiu um novo perfil na editoria de política de *Ultima Hora*. A primeira página passou a ter, muitas vezes, poucas fotos maiores no lugar das várias pequenas que eram comuns até então. Essa nova forma de publicação não se torna padrão e muitas vezes a primeira página voltava a se parecer com um álbum de retratos, mas era de uma tendência que aos poucos foi tomando o jornal. É possível afirmar que a fotografia em *Ultima Hora* estava alcançando a maioria.

A fotografia manteve e solidificou seu papel na editoria de política, e os retratos de candidatos, militares e demais envolvidos no jogo perderam espaço para o novo protagonista das imagens, a “massa humana”. As fotografias de multidões identificadas com o projeto político de *Ultima Hora* ganharam grandes fotos em até oito colunas e a linguagem documental e o uso da fotografia como prova e instrumento de denúncia se consolidou no jornal. A linguagem mudou com enquadramentos mais elaborados e abordagens mais subjetivas, como na fotografia escolhida para representar uma das inúmeras crises que sucederam o suicídio.

Carlos Luz estava prestes a ser destituído da Presidência da República, em 11 de novembro de 1955. Na fotografia publicada por *UH* há um soldado em primeiro plano,



caminhões do Exército em segundo e ao fundo, encoberto pelas árvores, o Palácio do Catete, o símbolo da presidência. O chão molhado dá um brilho especial à fotografia e reflete os elementos da composição. É um enquadramento diferente do tradicional em *Ultima Hora*, que pouco tempo antes seria mais literal, certamente frontal, os soldados encarando a câmera, de preferência com as armas à mostra. Mas nesta imagem, ao contrário, há uma sutileza que não seria possível anteriormente. Existe uma preocupação estética que se sobrepõe à didática. Os códigos de entendimento da leitura da imagem mudaram. Amadureceram o leitor, o jornal e o fotógrafo e a mensagem da fotografia poderia ser mais subjetiva. Uma fotografia moderna.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: Obras Escolhidas. Vol. I. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.

BURKE, Peter. *Visto y no visto: el uso de la imagen como documento histórico*. Barcelona, Espanha: Crítica, 2005.

LOUZADA, Silvana. *Prata da Casa: fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro (1950-1960)*. Tese de Doutorado em Comunicação. Universidade Federal Fluminense, 2009.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa I*. São Paulo: Papyrus, 1994.

WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

